

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA,
ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o | s | e | s | p |

Orquestra
Sinfônica do
Estado de
São Paulo

Temporada 2024

Osesp 70 anos

**4, 5 e 6
de abril**

4 DE ABRIL, QUINTA-FEIRA, 20H30
5 DE ABRIL, SEXTA-FEIRA, 20H30
6 DE ABRIL, SÁBADO, 16H30

FESTIVAL SCHUBERT

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

ALEXANDER LIEBREICH REGENTE

PAUL LEWIS PIANO

EVA GARCÍA FERNÁNDEZ [1984]

Imagen-tiempo [2023]

9 MINUTOS

WOLFGANG AMADEUS MOZART [1756-91]

Concerto para piano nº 27 em Si bemol maior, KV 595 [1788-91]

1. Allegro
2. Larghetto
3. Allegro

32 MINUTOS

INTERVALO DE 20 MINUTOS

FRANZ SCHUBERT [1797-1828]

Sinfonia nº 9 em Dó maior, D. 944 – A Grande [1825-28]

1. Andante: allegro ma non troppo
2. Andante con moto
3. Scherzo: allegro vivace
4. Finale: allegro vivace

48 MINUTOS

EVA GARCÍA FERNÁNDEZ BUENOS AIRES, ARGENTINA, 1984

Imagen-tiempo [2023]

Orquestração: piccolo, 2 flautas, 2 oboés, corne-inglês, 2 clarinetes, clarone, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, 2 trombones, tuba, tímpanos, percussão, piano e cordas.

Imagen-tiempo é uma busca e uma experimentação em relação ao tempo a partir do conceito de imagem-tempo do filósofo Gilles Deleuze. Simultaneamente, a peça reflete sobre as configurações temporais decorrentes do *scrolling* (por *scrolling* entendemos o deslocamento do conteúdo, seja ele vídeo, imagem ou texto, nas redes sociais). A obra explora a sobreposição de diferentes métricas e a relação não cronológica dos materiais a fim de transmitir a evolução do tempo enquanto um fluxo contínuo de presentes que se desdobram numa multiplicidade de possibilidades. Trata-se uma música na qual o presente não acompanha o passado, mas, sim, coexiste com ele e na qual o futuro não é uma consequência necessária do presente, mas uma possibilidade em aberto.

Deleuze menciona que existem dois tipos de imagens do tempo, uma baseada no passado e outra no presente. Ambas as imagens-tempo apresentam o tempo de forma não cronológica, e em ambos os casos existe uma relação de convivência, uma relação atual-virtual, entre o presente que passa e o passado que se preserva.

Nesse sentido, na esfera das microrrelações, as métricas de vários elementos sonoros se sobrepõem, gerando planos temporais simultâneos e lacunares, que tornam o presente ultrapassado. Essa concepção de tempo também é trabalhada no âmbito das macrorrelações, através de duas estratégias distintas. Uma das estratégias centra-se no tempo interno da obra, no qual elementos passados e futuros aparecem e se entrelaçam com os elementos do presente sem uma necessária relação cronológica. A outra estratégia é proposta a partir do diálogo com o *corpus* musical, nesse caso, a obra se abre para um passado que é evocado, como um convite à lembrança, no qual a memória (a citação textual do passado) não existe de fato, pois é sugerida a partir de relações intertextuais com um passado ou um outro virtual que nunca existiu.

A imagem-tempo proposta por Deleuze poderia ser entendida como a representação visual do devir do ser. É nessa passagem contínua que o ser se manifesta, não como algo sólido e estático, mas como algo fluido e dinâmico. A partir daí, mas sem abandonar completamente o conceito de forma, daquilo que retorna e funde o passado com o presente, a obra explora a transcurividade própria à temporalidade do *scrolling*, que coloca o foco no passeio e não na forma — um passeio de interconexões culturais constantes e flutuantes. Ao refletirmos hoje em dia sobre o tempo, torna-se inevitável pensar no *scrolling* e em como essa atividade atua na nossa percepção do tempo. Durante um *scrolling* é gerada uma “forma” composta por vários elementos muito díspares entre si, sem relação direta de continuidade entre eles. Durante essa “forma”, o que perdura e funciona como fio condutor é o próprio *scrolling*, ou seja, o passeio.

Nesse sentido, a obra apresenta materiais díspares, sem aparente relação cronológica, e estabelece, ao mesmo tempo, relações intertextuais com outras músicas através de citações que não são explícitas, pois dialogam não com as obras do passado, mas com os resíduos dessas obras que subsistem em minha memória, ou seja, são citações de um passado ou de um outro virtuais. Portanto, a relação se estabelece com pseudocitações e mistificações que funcionam como fantasmas. Entre elas podemos perceber elementos texturais que remetem a Grisey e Stravinsky, elementos rítmicos ligados a Ligeti e à música africana e elementos melódicos típicos do jazz. As únicas relações intertextuais diretas e explícitas estabelecidas em *Imagen-tiempo* remontam à minha obra anterior, *Repetición y diferencia*, que também emerge dos conceitos de Deleuze.

EVA GARCÍA FERNÁNDEZ

Eva García Fernández é compositora, saxofonista, pesquisadora e professora da Cidade Autônoma de Buenos Aires, Argentina. Venceu, junto com Stephanie Macchi, o Concurso Compositoras Latino-americanas da Osesp, em 2024, com *Imagen-tiempo*.

WOLFGANG AMADEUS MOZART

SALZBURG, ÁUSTRIA, 1756 – VIENA, ÁUSTRIA, 1791

Concerto para piano nº 27 em Si bemol maior, KV 595 [1788-91]

Orquestração: flauta, 2 oboés, 2 fagotes, 2 trompas e cordas.

Certa vez, um colega interessado em formar uma discoteca de música clássica me pediu dicas de CDs que achasse essenciais. Dentre as sugestões, estavam as sinfonias de Beethoven, os concertos para piano de Mozart, os *Noturnos* de Chopin, as *Bachianas* de Villa-Lobos, e assim por diante. Dias depois ele voltou e me pediu que fosse mais específico, pois a integral dos concertos para piano de Mozart era cara demais. Afinal, são 27! E agora? Sugerir os mais conhecidos ou influenciá-lo com meu gosto pessoal?

Conto esta anedota da era pré-streaming pois os concertos para piano de Mozart ocupam um local especialíssimo no universo da música clássica, arriscando dizer que se Haydn é o pai das sinfonias e dos quartetos de corda, os concertos de Mozart são o alicerce de toda a obra concertante para piano que surgiu depois.

Do saudoso Friedrich Gulda aos *habitués* da Sala São Paulo Maria João Pires e András Schiff, todo grande intérprete de Mozartnalteceaperfeiçãodeformaeharmoniaatingidapelocompositor. Para Schiff, “Mozart representa o pináculo do *concertare*, o tocar em concordância. O solista não é o herói romântico do século XIX, mas antes de tudo é um igual perante os seus, participante de um delicioso jogo de dar e receber”¹.

Assim como Haydn, que compôs suas 104 sinfonias ao longo da vida, Mozart escreveu concertos para piano desde muito jovem. Suas primeiras composições neste gênero foram aos 8 anos de idade, na verdade arranjos para piano e orquestra de sonatas de Johann Christian Bach², sua primeira influência musical ao mostrar ao *wunderkind* — criança prodígio — que era possível aliar o rigor formal da música germânica ao lirismo e à graça da ópera italiana.

Mozart passou boa parte de sua vida adulta insatisfeito por trabalhar para nobres empregadores, até que em 1781 trocou Salzburgo por Viena, fixando residência na capital imperial e se tornando o primeiro compositor *freelancer* da história. Kinderman³ considera este grupo de concertos para piano escritos a partir de 1781 como o maior legado artístico que um compositor criou para um determinado gênero na história da

¹ SCHIFF, A. A Performers approach. Mozart – Klavierkonzerte. DECCA, 1995. Encarte de CD.

² Johann Cristian Bach [1735-82] foi o caçula de Johann Sebástian com Anna Magdalena. Aos 20 anos foi para Milão, o que lhe valeu o epíteto de “Bach católico”. Em 1762, mudou-se para Londres, cidade em que fez fama como músico da corte de George III. Em 1764, a rainha consorte Sophie Charlotte reuniu Johann Christian e o pequeno Mozart durante uma de suas turnês patrocinadas pelo papai Leopold.

³ KINDERMAN, W. Piano Concertos from Mozarts Vienna Years – The Great Piano Concertos – Philips, 1994. Encarte de CD.

música ocidental. Em apenas três anos (de 1784 a 1786) foram 12 concertos maravilhosos para o deleite do público vienense, que se extasiava diante do virtuosismo do compositor-pianista.

O *Concerto para piano nº 27*, último exemplar desta série magistral, possui algumas peculiaridades. Iniciado durante o ano de 1788 (os dois primeiros movimentos) foi terminado em 5 de janeiro de 1791, marcando um hiato de quase três anos desde que Mozart completara seu último concerto para piano, assinalando o período mais longo sem escrever concertos desde que chegara a Viena. Até hoje não há certeza se o *KV 595* foi composto para que o próprio Mozart brilhasse ao piano (como a maioria de seus congêneres), mas é certo que foi ele quem o estreou em um concerto em 4 de março de 1791, a última vez em que tocou em público.

Época muito difícil para Mozart. Preocupado com a saúde da esposa, às turras com credores (ostentava um padrão de vida muito além dos ganhos) e desprestigiado pelo Imperador Joseph II, um homem deprimido escreveu à sua mulher: “Se as pessoas pudessem olhar em meu coração. Tudo é frio. Frio e gélido.”

Mas a sensação ao ouvir estes concertos fica muito longe da frieza. “Resignação e nostalgia”, nas palavras de Girdlestone, “se espalham por todo o concerto (*nº 27*), mas não é o véu de tristeza que se impõe, e sim uma luz noturna que anuncia o fim de uma vida.”⁴ Mais do que tudo, ouvinte atento, estamos diante de uma obra da maturidade de Mozart (aos 35 anos!), ou seja, diante das agruras da vida a resposta do Mestre foi serenidade e clareza.

⁴Girdlestone. C. *Mozart and His Piano Concertos*. Dover Publications, 2012.

⁵Posteriormente, quando preparava a partitura para edição, Mozart escreveu a cadência para que outros pianistas pudessem tocá-la.

⁶Mozart usou o mesmo tema na canção que compôs logo depois, seu *KV 596*, um verdadeiro lied que antecipa Schubert.

É um concerto para piano e orquestra, mas por vezes soa como música de câmara. Não há trompetes ou tímpano, realçando o caráter intimista da música. O “Allegro” inicial transborda lirismo desde a introdução nas cordas seguida pelas madeiras. O solista entra placidamente, com elegância, estabelecendo um refinado diálogo com a orquestra, em particular com os instrumentos de sopro. Aparentemente a cadência original foi improvisada por Mozart no concerto de estreia.⁵ O “Larghetto” expressa bem a resignação defendida por Girdlestone. É música simples, sem ser simplória. É expressiva sem falar demais. O tema do “Allegro” final é uma adaptação de uma canção do próprio Mozart a partir do poema *Sehnsucht nach dem Frühling*⁶ [Ansiando pela Primavera] e funciona como rondó bem humorado. O tema se alterna ao longo do movimento, havendo espaço para duas cadências para que o solista brilhe sem ofuscar a orquestra (que o digam fagote, flauta e oboé). Temos a sensação de que Mozart encerra seu ciclo de concertos para piano com um sorriso no canto dos lábios. Para alguns, pode soar um tanto amargo, mas é um sorriso.

Para terminar, ouvinte atento, sugeri ao meu amigo que procurasse pelos concertos nºs 9, 17, 21 e o 27, que ouvimos neste dia. Em minha opinião, fazem jus ao dito popular “menos é mais”, onde a simplicidade se aproxima da perfeição.

MARCO AURÉLIO SCARPINELLA BUENO

Médico pneumologista, doutor pela Universidade Federal de São Paulo/Escola Paulista de Medicina. Como pesquisador musical publicou, entre outros livros, *Sons por detrás da cortina: Música no Leste Europeu durante a Guerra Fria*.

FRANZ SCHUBERT VIENA, ÁUSTRIA, 1797 - 1828

Sinfonia nº 9 em Dó maior, D. 944 - A Grande [1825-28]

Orquestração: 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 2 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, tímpanos e cordas.

Viver no século XXI tem suas desvantagens. Muitas vezes sentimos saudades de um tempo que não conhecemos e que nos parece mais calmo, mais lento, mais humano. Ainda que os mais realistas dentre nós contraponham às belezas perdidas todas as descobertas científicas que nos facilitam e salvam a vida (apenas a anestesia já seria suficiente!), continuamos idealizando o passado, sem nos darmos conta de que gozamos de privilégios absolutamente extraordinários. Nós todos, sem qualquer merecimento, sem qualquer esforço, podemos apreciar as mais importantes obras do passado, um cabedal de encantamento ao qual não poderia ter acesso o mais poderoso monarca do passado. Com frequência, conhecemos obras que nem mesmo seus compositores chegaram a ouvir. Esse é o caso da *Sinfonia nº 9* de Schubert.

Obra escrita durante longo tempo, retrabalhada e aperfeiçoada com carinho, foi erradamente atribuída ao último ano da vida do compositor, crença que apenas há pouco se desfez. Mas é fato que foi nesse último ano que Schubert tentou desesperadamente vê-la apresentada em Viena. Esse desejo nunca se concretizou. Os músicos da *Gesellschaft der Musikfreunde* [Sociedade Filarmônica de Viena, ou Sociedade dos Amigos da Música de Viena] da capital austríaca (assim como, depois, os de Paris e de Londres) a consideraram difícil e longa demais, e acabaram a substituindo por outra anterior, mais simples. A *Sinfonia nº 9* acabou esquecida, tendo sido, muito tempo depois, redescoberta por Schumann e ressuscitada por Mendelssohn, ambos fervorosos admiradores do colega vienense.

Aos poucos, o epíteto “A Grande” que de início servia apenas para distingui-la da outra sinfonia na mesma tonalidade (a 6ª, que era mais breve) se tornou uma apta definição de seu escopo, de sua ambição, de sua qualidade e, por fim, de sua reputação. Essa é, de fato, uma grande sinfonia, cheia de ideias melódicas contagiantes, progressões harmônicas inovadoras, instrumentação refinadíssima e desenvolvimento formal habilíssimo. Principalmente, ela tem a marca do compositor, que soube como poucos canalizar suas influências (Mozart, Haydn, Beethoven) em uma voz original e potente.

Desde o primeiro movimento — com as trompas solenes anunciando um tema lírico e movido nos sopros, mas que se revela avassalador com a intervenção da orquestra inteira —, Schubert nos guia por paisagens que mudam constantemente, através de contrastes tímbricos e texturais. A cor orquestral é transformada com tamanha rapidez que passamos de um ambiente a outro sem percebermos as costuras entre as partes. Como que ao girar de um caleidoscópio sonoro, podemos sair de um clima despreocupado e amoroso e, de súbito, nos encontrarmos mergulhados em trevas e pressentimentos, que se desfazem, a seguir, em uma valsa esfuziante. Convivem com rara felicidade: sentimentalismo e *gravitas*, ímpeto e delicadeza, afeto e paixão.

Além da evidente influência das músicas vienense e alemã, a *Sinfonia nº 9* nos seduz com passagens em que a música eslava se faz presente, às vezes como pano de fundo, outras sem qualquer disfarce. Podemos antever nela as sinfonias de Dvorák, que era aliás grande admirador de Schubert. O compositor da Bohemia declarou que “Schubert e Mozart têm muito em comum; em ambos encontramos o mesmo delicado senso de cor instrumental, o mesmo fluxo melódico, espontâneo e irreprimível, o mesmo domínio instintivo dos meios de expressão, a mesma versatilidade em todas as facetas de sua arte”.

LAURA RÓNAI

Doutora em música e flautista. Professora titular da Unirio, é chefe do Departamento de Canto e Instrumentos de Sopro e diretora da Orquestra Barroca. Foi colaboradora das revistas *Early Music America*, *Flute Talk*, *Goldberg* e *Fanfare*.



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

A Osesp é um dos grupos sinfônicos mais expressivos da América Latina. Com 13 turnês internacionais e quatro turnês nacionais realizadas, uma centena de álbuns gravados e uma média de 120 apresentações por temporada, vem alterando a paisagem musical do país e pavimentando uma sólida trajetória dentro e fora do Brasil, obtendo o reconhecimento de revistas especializadas, como *Gramophone* e *Diapason*, e relevantes prêmios, como o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Clássica de 2007. A Osesp se destacou ao participar de três dos mais importantes festivais de verão europeus, em 2016, ao se tornar a primeira orquestra profissional latino-americana a se apresentar em turnê pela China, em 2019, e ao estreiar, em 2022, no Carnegie Hall, em Nova York, na série oficial de assinatura da casa. Desde 2020, Thierry Fischer ocupa os cargos de diretor musical e regente titular, antes ocupados por Marin Alsop [2012–19], Yan Pascal Tortelier [2010–11], John Neschling [1997–2009], Eleazar de Carvalho [1973–96], Bruno Roccella [1963–67] e Souza Lima [1953]. A Osesp também abrange corpos artísticos e projetos sociais e de formação, como os Coros Sinfônico, Juvenil e Infantil, a Academia de Música, o Selo Digital, a Editora da Osesp e o Descubra a Orquestra. Fundada em 1954, a Orquestra passou por reestruturação entre 1997–99, e, desde 2005, é gerida pela Fundação Osesp.



ALEXANDER LIEBREICH REGENTE

Diretor musical da Orquestra de Valência e consultor artístico do Palau de la Musica em Valencia, é presidente da Richard-Strauss-Gesellschaft e diretor artístico do Festival Richard Strauss. Foi maestro titular e diretor artístico da Sinfônica da Rádio de Praga [2018–22], da Sinfônica Nacional da Rádio Polonesa [2012–19] e da Orquestra de Câmara de Munique [2006–16]. Liebreich é regente convidado de prestigiadas orquestras, como a Orquestra Real do Concertgebouw, as Filarmônicas de Munique, Dresden e Luxemburgo, a Tonhalle de Zurique e as Sinfônicas da BBC, da Rádio de Berlim, da Rádio Bávara, de São Petersburgo e a própria Osesp. Sua ampla discografia inclui desde obras de Bach, Mozart e Mendelssohn a Isang Yun e Toshio Hosokawa. Em colaboração com a Orquestra Nacional da Rádio Polonesa e o selo Accentus Music, recebeu o Prêmio Internacional de Música Clássica – ICMA – de 2017; com a Orquestra de Câmara de Munique, seu lançamento na ECM Classics do *Réquiem* de Tigran Mansurian, com o RIAS Kammerchor, recebeu esse mesmo prêmio em 2018 e ainda uma indicação ao Grammy. Em outubro de 2016, o maestro alemão recebeu Prêmio Cultural do Ministério da Educação, Cultura, Ciência e Arte da Baviera.



PAUL LEWIS PIANO

Internacionalmente reconhecido como um dos principais músicos de sua geração, seus inúmeros prêmios incluem o Instrumentista do Ano da Royal Philharmonic Society, dois Edison, três Gramophone, o Diapason D'or, além dos prêmios da Academia Musical Chigiana e do Southbank Centre. Em 2016, foi agraciado com a Ordem do Império Britânico. Possui doutorados honorários das Universidades de Southampton e Edge Hill. Lewis se apresenta regularmente como solista com as maiores orquestras do mundo e é convidado frequente nos festivais internacionais mais prestigiados, incluindo Lucerna, Mostly Mozart (Nova York), Tanglewood, Schubertiade, Salzburgo, Edimburgo e o BBC Proms de Londres, onde em 2010 se tornou o primeiro pianista a interpretar um ciclo completo dos concertos para piano de Beethoven em uma única temporada. Sua carreira de recitais o leva a locais como Royal Festival Hall em Londres, Alice Tully e Carnegie Hall em Nova York, Musikverein e Konzerthaus em Viena, Théâtre des Champs Elysées em Paris, Concertgebouw em Amsterdã, Konzerthaus e Filarmônica de Berlim, Tonhalle em Zurique, Palau de la Musica Catalana em Barcelona, Symphony Hall em Chicago, Oji Hall em Tóquio e o Recital Centre em Melbourne.

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO
DE SÃO PAULO – OSESP**

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS
YURIY RAKEVICH SOLISTA – PRIMEIROS VIOLINOS
ADRIAN PETRUTIU SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS
AMANDA MARTINS SOLISTA – SEGUNDOS VIOLINOS
IGOR SARUDIANSKY CONCERTINO – PRIMEIROS VIOLINOS
MATTHEW THORPE CONCERTINO – SEGUNDOS VIOLINOS
ALEXEY CHASHNIKOV
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSEY
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER SOLISTA | EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON CONCERTINO
PETER PAS CONCERTINO
ANDRÉ RODRIGUES
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV

VIOLONCELOS

KIM BAK DINITZEN*** SOLISTA
HELOISA MEIRELLES CONCERTINO
RODRIGO ANDRADE CONCERTINO
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS

CONTRABAIXOS

ANA VALÉRIA POLES SOLISTA
PEDRO GADELHA SOLISTA
MARCO DELESTRE CONCERTINO
MAX EBERT FILHO CONCERTINO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS
ANTONIO DOMICIANO**

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO SOLISTA
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS

ARCADIO MINCZUK SOLISTA
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE-INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA
MARCELO VILARTA***

CLARINETES

OVANIR BUOSI SOLISTA
SÉRGIO BURGANI SOLISTA
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS REQUINTA
GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO SOLISTA
JOSÉ ARION LIÑAREZ SOLISTA
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS

LUIZ GARCIA SOLISTA
ANDRÉ GONÇALVES
DANIEL FILHO***
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DISSENHA SOLISTA
ANTONIO CARLOS LOPES JR.* SOLISTA
MARCOS MOTTA UTILITY
MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI SOLISTA
WAGNER POLISTCHUK SOLISTA
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING SOLISTA

TUBA
FILIPE QUEIRÓS SOLISTA

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE SOLISTA | EMÉRITA
RICARDO BOLOGNA SOLISTA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
RUBÉN ZÚÑIGA

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA SOLISTA

CONVIDADO DESTE PROGRAMA
SAMUEL DIAS VIOLINO
ANDREA CAMPOS VIOLINO
CINDY FOLLY VIOLA
TIAGO MEIRA FLAUTA
THIAGO ARIEL TROMPA SOLISTA
LUCAS GONÇALVES PIANO

* CARGO INTERINO
** ACADEMISTA DA OSESP
*** CARGO TEMPORÁRIO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA,
POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PEDRO PULLEN PARENTE PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI VICE-PRESIDENTE
ANA CARLA ABRÃO COSTA
CÉLIA KOCHEN PARNES
CLAUDIA NASCIMENTO
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
MÔNICA WALDVOGEL
NEY VASCONCELOS
PAULO CEZAR ARAGÃO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO PRESIDENTE
CELSO LAFER
FÁBIO COLLETI BARBOSA
HORACIO LAFER PIVA
PEDRO MOREIRA SALLES

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

SUPERINTENDENTE GERAL
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING
MARIANA STANISCI

GERENTE DE COMUNICAÇÃO
MARIANA GARCIA

ANALISTA DE PUBLICAÇÕES
JÉSSICA CRISTINA JARDIM

DESIGNERS
BERNARD BATISTA
ANA CLARA BRAIT

+ WWW.FUNDAÇÃO-OSESP.ART.BR/EQUIPE

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
TARCÍSIO DE FREITAS

VICE-GOVERNADOR
FELICIO RAMUTH

SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

SECRETÁRIA DE ESTADO
MARILIA MARTON

SECRETÁRIO EXECUTIVO
MARCELO HENRIQUE ASSIS

CHEFE DE GABINETE
DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO
DOS CONTRATOS DE GESTÃO
GISELA COLAÇO GERALDI

COORDENADORA DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL,
BIBLIOTECAS E LEITURA
ADRIANE FREITAG DAVID

Próximos Concertos

7 DE ABRIL

PAUL LEWIS PIANO

FESTIVAL SCHUBERT, COM AS SONATAS N^{OS} 4, 9 E 18

25, 26 E 27 DE ABRIL

OESP

CHRISTOPH KONCZ REGENTE

VÍKINGUR ÓLAFSSON PIANO

OBRAS DE VILLA-LOBOS, SCHUMANN E SCHOENBERG.

28 DE ABRIL

VÍKINGUR ÓLAFSSON PIANO

VARIAÇÕES GOLDBERG, DE JOHANN SEBASTIAN BACH.



AGENDA COMPLETA: WWW.OESP.ART.BR/PROGRAMACAO

INGRESSOS: WWW.OESP.ART.BR/INGRESSOS

Algumas dicas para aproveitar ainda mais a música



Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.



Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.



Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.



Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

Serviços



Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.



Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.



Loja Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção, infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.



Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos – mediante reserva pelo telefone **(11) 3333-3441**.

Acesso à Sala



Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.



Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.



Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.



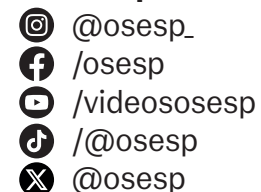
Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em: **www.salasaopaulo.art.br/servicos**

OSESP DUAS E TRINTA

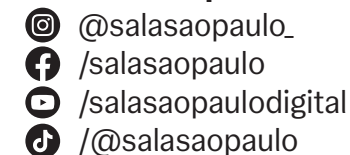
Embarque no fim de semana: concertos sexta à tarde na Sala São Paulo por R\$ 39,60.

Série com nove apresentações de março a dezembro
Ingressos em osesp.byinti.com

www.osesp.art.br



www.salasaopaulo.art.br



www.fundacao-osesp.art.br



P. 10 OSESP. © MARIO DALOIA

P. 11 ALEXANDER LIEBREICH. © SAMMY HART

P. 12 PAUL LEWIS. © KAUPU KIKKAS

A capa deste programa foi criada por uma ferramenta desenvolvida pelo estúdio Polar Ltda. especialmente para a Osesp. Ela traduz obras musicais em imagens, usando uma paleta de cores, que ganharam nomes de emoções.

Nesta edição, as emoções são Fascínio e Inspiração, a partir de um trecho da *Sinfonia nº 9* de Schubert.



o | s | e | s | p |
Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura

**CULT
SP**

SP **SÃO PAULO**
GOVERNO
DO ESTADO
Secretaria do
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

PRONAC: 232471